MINHA VIDA EM SILÊNCIO

SILVA, C. H. F.

Minha Vida em Silêncio

Silva, C. H. F.

Copyright © 2025 Silva, C. H. F.

Todos os direitos reservados.

ISBN: 978-65-01-72569-7

DEDICATÓRIA

Dedico este livro a todos os deficientes auditivos.

CONTEÚDO

Nascimento..... 8
Diagnóstico: Surdez de Nascença..... 14
Infância..... 16
Adolecência..... 20
Associação de Surdos..... 33

AGRADECIMENTOS

À minha família, meu pai, minha mãe e meu irmão, pela existência, e à minha companheira de todas as horas pelo incentivo, apoio e paciência.

Nascimento

Foi no dia 16 do mês de junho de 1981 que surgiu no mundo mais um pequeno ser, para buscar a plenitude da vida e um lugar na sociedade.

No mundo aconteciam os seguintes fatos:

Dia 9/6/1981: Espanha aceita contrato social: Num esforço para diminuir a taxa de desemprego de 12%, as principais entidades de classe dos trabalhadores e empregadores da Espanha assinaram um contrato social, no qual limitavam os aumentos salariais em 1982. O governo planejava criar cerca de 350.000 empregos como forma de aliviar a tensão. Também esperava que as restrições salariais proporcionassem mais de 1,5 bilhão de dólares para investimento na criação de outros empregos.

Dia 11/6/1981: Termina greve na Fiat: Operários da Fiat Diesel em Xerém (RJ) encerraram uma greve de 42 dias. A decisão foi tomada depois que a empresa se comprometeu a não demitir ninguém nos

próximos quatro meses e a dar bolsas de 10.600 cruzeiros para os empregados demitidos.

Dia 15/6/1981: Países aumentam importação de petróleo: A Agência Internacional de Energia realizou um encontro em Paris e decidiu aumentar as importações de petróleo para vinte milhões de barris diários. Os representantes de 21 países importadores salientaram ainda a necessidade de utilizar outras fontes de energia, apesar dos excedentes de petróleo no mercado.

Dia 19/6/1981: Muçulmanos e coptas lutam no Cairo: Três dias de luta no Cairo entre muçulmanos e cristãos coptas deixaram um saldo de dez mortos e 55 feridos. Os incidentes tiveram como causa uma disputa pela construção de um templo.

Dia 21/6/1981: Socialistas conquistam maioria na França: O Partido Socialista Francês alcançou maioria absoluta no último turno das eleições para a Assembléia Nacional. Com 258 cadeiras, os socialistas mais que duplicaram sua bancada em relação à legislatura anterior, no governo de Valéry Giscard d'Estaing. O partido Reunificação pela República perdeu 72 cadeiras e teve sua bancada reduzida para 83 deputados. A União pela Democracia Francesa, que perdeu 55 cadeiras, ficou com apenas 64. Os comunistas tiveram uma redução de 86 para 44 cadeiras.

Tratava-se de um dia de sol, morno de inverno, na pacata cidade de Araguari, no Triângulo Mineiro, Minas Gerais, Brasil, América do Sul, desta Terra, situada no sistema solar da Via Láctea, bem no coração deste imenso universo.

Ao amanhecer, minha mãe, Odete, sentiu dores e foi para o hospital

de táxi, já que meu pai, Ulisses, trabalhava então no Batalhão do Exército como motorista de caminhão caçamba, no "trecho", realizando pavimentações asfálticas e construção de trechos de ferrovias ou outras obras, e saía sempre muito cedo de casa, às vezes até por volta das 5 horas da manhã. Meu irmão mais velho estava para a escola e minha tia, Bete, que na época morava junto com meus pais, não se encontrava, pois estava no serviço como doméstica em uma casa no centro da cidade.

Encaminhou-se para o hospital Santa Marta, até hoje localizado na rua Dr. Afrânio, próximo à Igreja da Matriz. Lá, sofrendo de dores, sozinha, aguardou ansiosamente o meu nascimento, que se deu por volta das dez e trinta da manhã.

Todos os familiares me visitaram, e foi para aquela casa mais uma alegria. Morávamos então no Bairro JK, conhecido como Chancia, um conjunto de casas localizado ao noroeste da cidade, próximo à subestação da Cemig, na rua 10 e que fica bem em frente à praça do bairro, local de grande perspectiva de crescimento, uma vez que a cidade encontrava-se em expansão devido ainda a obras na região, inclusive a Usina hidrelétrica da Cemig, no rio Paranaíba, e muitas pessoas de lugares distantes vinham para trabalhar.

Da minha primeira infância não me lembro de nada.

Nossa casa tinha três quartos, sala, cozinha, banheiro e uma pequena área para lavar e secar roupas. Meu pai ganhava muito pouco e a vida sempre foi com muita luta e sacrifício. Não me lembro disto, eles é que hoje me contaram, mas houve até a possibilidade de que ele comprasse aquela casa, porém não houve acordo entre ele e o dono, e pouco tempo depois acabamos tendo que mudar de lá.

Minha tia, já há um ano havia dado à luz a um garotinho, meu primo, Cleber Eduardo, que recebeu este nome porque na época havia uma novela em que atuava um ator chamado Cleber Eduardo Dorabella, e que minha tia gostava muito. E, por falar nisto, meu nome é Perseu, Perseu Ferreira da Silva, e também recebi este nome porque minha mãe gostava de um personagem de Francisco Cuoco, em uma novela, que ela nem se lembra do nome. Meu irmão, Paulo Ulisses, com oito anos naquele momento, que há anos atrás havia desejado um irmão e já se encontrava até acostumado a ficar sozinho, pois meus pais normalmente não gostavam de que ele ficasse com muita turma, pela idade e também pelo trabalho eles sempre foram muito rigorosos nisto, nem mais queria, mas ao me ver ficou muito feliz de ter agora um irmãozinho bem mais novo.

Minha mãe sempre foi muito geniosa. Certa vez, viu um moleque agarrado à orelha do meu irmão no parquinho que tinha na praça em frente à nossa casa e comigo no colo, pulou a pequena mureta e, correndo atrás do menino, agarrou-o pela orelha e levou-o à sua casa entregando-o à sua mãe, que discutiu com a minha, e o tempo ficou feio entre as duas naquele instante. Em outra vez, ela rasgou uma bola de futebol de salão vinda da quadra de esporte, que se localizava justamente na direção da porta da sala, e que por vezes eram chutadas de forma violenta na quadra e somente parava nas paredes da entrada de nossa casa. Após inúmeros pedidos, não atendidos, neste dia, pela revolta que se abateu pela incomoda indiferença dos jogadores, ela rasgou com uma faca a bola, deixando todos assustadíssimos.

Já, desde os tempos de criança, minha mãe sabia que havia algo de errado comigo, pois eu não chorava, nem fazia os ruídos que as outras

crianças faziam ou resmugava "paapa" ou "hmam" como se espera de toda criança ainda no primeiro ano de vida e, por fim, o tempo foi passando e eu não falava nada.

Abateu-se um desespero sobre minha mãe, principalmente, pois meu pai sempre fora relativamente tranquilo, meu irmão não tinha consciência das coisas e toda a família sempre foi um pouco afastada. Ela chorava sempre à espera de um sinal, faziam testes, emitiam ruídos para ver como eu reagia e quase sempre não havia respostas, ou a resposta desejada, ou, pior, às vezes reagia e dava falsas esperanças, porém, um novo teste e eu não tinha a menor reação, trazendo o desnorteamento novamente.

Mudamos para uma casa na Rua Dona Cesária, pois, como meu pai não havia conseguido comprar a casa na Chancia, o aluguel estava ficando expressivo e ele não poderia sustentar aquela situação por muito tempo. Na procura, ele encontrou esta. Ela era velha, meio que caindo aos pedaços, sem forro, com um teto onde as telhas estavam quase todas pretas devido à fumaça do fogão de lenha; no entanto, tinha um quintal e terra, coisa que não havia na outra, e bananeiras. Pouco me lembro desta época.

Era uma criança totalmente normal, brincava com meu primo e meu irmão, gritava, chorava, somente um detalhe: não falava.

O tempo foi passando e, novamente por necessidade, a família precisou mudar. Alugamos uma casa de um conhecido da família, localizada na Avenida Bahia, em frente à escola estadual Padre Damião – uma casa de fundo, tipo meia-água, porém bem grande e confortável, forrada e com um amplo quintal na frente da casa, seco e sem vida, mas bem localizada, com um terreno baldio ao lado. Em pouco tempo,

estaria pleno de vida, pois minha mãe conseguia, a muito custo, dar vida com suas plantações e limpeza impecável a todos os lugares por onde passava.

Diagnóstico: Surdez de Nascença

Na época, ninguém da família, nem meus pais nem outros familiares, tinha condições de custear algum tratamento ou exame, e protelava-se a fim de realmente confirmar ou esperando que fosse algo passageiro.

Porém, quando completei 2 anos de idade, ainda não falava nada e todas as pessoas já se assustavam com aquela situação.

Fui levado a alguns dos médicos de Araguari, e eles, na época, não diagnosticaram nada, o que aumentava ainda mais a agonia de meus pais por não saberem o que poderia estar acontecendo comigo, passando tudo pela cabeça nesta hora: desde doença mental, problemas psiquiátricos ou outras anormalidades.

Um dia, marcou-se uma visita à Goiânia, à casa de alguns tios de lá, Das Dores e João Batista, e com eles veio a sugestão e a possibilidade de fazer novos exames em um grande centro de pesquisa e tecnologia científica e que, se houvessem problemas, poderia ter condições de resolvê-los.

Fomos para Goiânia, eu, meu pai, minha mãe e meu irmão mais

velho. A visita transcorreu em alegria devido à longa data que a família não se encontrava; porém, quando foram realizados os exames, havia a maior ansiedade no ar por parte de todos por um resultado animador, porém, como contam eles – já que naquele momento eu não tinha a devida consciência – o resultado foi desanimador: eu tinha deficiência auditiva, lesão no nervo auditivo, local onde a medicina, até então, e como até hoje, ainda não avançou, com perda de cerca de oitenta por cento da sensibilidade em ambos os ouvidos. Eu era surdo de nascença!

Explicava-se, então, por que não havia em mim nenhuma reação a estímulos externos e por que eu ainda não falava nada, nem emitia sons normais. Quem não escuta não fala, não é capaz de imitar os sons que ouve, pois não os ouve.

O desespero tomou conta de minha mãe e meu pai, e a tristeza se abateu sobre toda a família. Minha mãe chorou até não aguentar mais nos corredores do hospital, desolada, e no instante não sabia nem o que fazer. Chorava e chorava sempre, se culpando pelo que eu tinha, sem ao menos ela ter a mínima interferência sobre o fato. Meu pai e todos tentavam consolá-la, mas, naquele momento e por muitos anos, nada adiantava.

Naqueles exames, a única esperança era a utilização de um aparelho que poderia minimizar a sensibilidade dos ouvidos, possibilitando que eu pudesse até conseguir distinguir sons e assim repeti-los, aprendendo finalmente a falar, e ter o acompanhamento de uma fonoaudióloga. Mas, naquelas condições financeiras em que meus pais se encontravam, o desânimo era ainda maior.

Infância

Retornando a Araguari, a vida estava como após uma grande guerra para aqueles que conosco conviviam. Mas com muita força, garra e fé em Deus, a vida pode prosseguir.

Estava muito novo para iniciar a fonoaudiologia e não havia possibilidade de comprar o aparelho. Ficava em casa, fui crescendo e crescendo. Brincava com meu primo, Cleber, e meu irmão Paulo, na área e no quintal da casa onde morávamos.

E o tempo foi passando... passando.

Certa vez, caí do pequeno muro que ficava na entrada da casa, e minha mãe, ao me ver cair enquanto lavava roupas, chamou por "Nossa Senhora". Ela diz que se processou quase um milagre, pois a queda fora tão suave que nem mesmo me machuquei, aumentando ainda mais a fé em Deus em um futuro melhor.

A tristeza maior da família era me ver tão bonito, esperto e inteligente e não poder gozar do prazer da audição, e também a previsão de que, em um futuro, eu poderia ter problemas com as

pessoas mesquinhas e entregues aos preconceitos que naquela época se mostravam bastante fortes.

Com muito custo, meu pai conseguiu pagar uma fonoaudióloga, que possuía seu consultório na Rua Rui Barbosa, próximo ao Orsi Hotel, e por vários anos acompanhou-me. No início, era muito ruim ter de ficar com uma pessoa estranha em uma sala, não gostava e só me sentia bem e seguro perto de minha mãe, que ficava do lado de fora do consultório e não podia entrar, somente me acompanhando nas sessões iniciais.

As sessões se realizavam duas vezes por semana, à tarde, com duração de meia hora, que, na verdade, não adiantavam tanta coisa assim, a ponto de meus pais questionarem a validade deste acompanhamento, já que não possuíamos tantas condições assim. As mesmas consistiam em ficar brincando com bola no tapete e repetir palavras olhando ao espelho.

Muitas vezes, minha mãe sentiu a discriminação por eu não saber falar.

Com muito esforço e contenção de gastos, finalmente ganhei meu primeiro aparelho, comprado pelo meu pai na Telex – Oticon de Uberlândia, por um preço absurdo para um equipamento eletrônico daquelas proporções. Uma caixinha, quase do tamanho de uma caixa de fósforos, super sensível, que era colocada em um bolso adaptado em minhas camisas e, com fiação que dava em um molde colocado em ambos os ouvidos, não podendo ser sujeita à umidade ou arrancos bruscos, tanto pela sensibilidade quanto pela fragilidade deste aparelho.

Eu pessoalmente odiava estar com aquilo, pois era extremamente incômodo e, no final das contas, aumentava o volume, porém não o suficiente, de quase nada adiantando. A partir daí, do uso deste

aparelho, é que realmente pude sentir na pele o preconceito das pessoas, até mesmo da família.

Como criança, era quase normal e, além das brincadeiras, também brigava com meu primo e irmão, levando desvantagem quase sempre por ser o menor. Eram tapas, pequenos socos, gritaria que sempre levava minha mãe a vir me defender, mas algumas vezes eu saía com vantagem.

Certo dia, meu pai passou mal; todos correram para ajudá-lo. Foi assustador e, no dia seguinte, minha tia e meu primo foram embora. Ela e minha mãe haviam brigado, e minha tia mudou-se para a casa de outra tia, a tia Linda, com quem minha mãe viria a ter uma terrível discussão, justamente por causa da tia Bete e do Cleber.

Com o passar dos dias, minha mãe chorava muito de saudade do Cleber, por considerá-lo como um filho e ver a minha solidão, já que o Paulo já estava ficando grande e não queria saber de brincadeiras. A nossa criação havia sido conjunta.

O dono da casa onde morávamos tinha vários filhos e, um dia, ele foi à nossa casa dizendo que necessitaria que mudássemos porque um de seus filhos casaria e moraria naquela casa. Não havia outra opção, senão buscar outro lugar, porém ele também tinha uma casa próxima à Igreja de Nossa Senhora Aparecida, na Rua Natal Mujali, e, se nos interessássemos, poderíamos alugá-la. Foi o que aconteceu.

Mudamos mais uma vez. Nesta época, eu já me encontrava um pouco crescido, miúdo, magricelo. A casa era velha, com dois quartos, sala, cozinha, copa, banheiro e um imenso quintal com laranjeiras, abacateiro e uma mangueira.

Um dia, eu estava indo para a sessão de fonoaudiologia com meu

irmão, que me levava de vez em quando, e, ao passar na casa de um amigo dele, que era vizinho da Maria, nossa prima, o cachorrinho dele me atacou. Fiquei com tanto medo que tremia todo e fui parar na cabeça de meu irmão, gritando e, por muito tempo, tive grande pavor de cachorros, fossem eles de qualquer jeito.

Meu irmão, de vez em quando, ajudava meu outro primo na feira fazendo entregas e ganhando algumas migalhas, coisa que meu pai já fazia há muitos anos em troca da cesta de legumes da semana. Um amigo de meu pai, que trabalhava com ele e meu primo na feira nos fins de semana e em uma gráfica durante a semana, disse a meu pai que tinha um provável emprego e que mandasse meu irmão. Ele foi e começou a trabalhar na Gráfica, que se situava na rua Olegário Maciel, entre a rua Rodolfo Paixão e a Afonso Pena, como aprendiz, porque, no momento, ele tinha 12 anos e trabalharia apenas meio período, à tarde, e estaria estudando de manhã.

Logo, logo meu irmão já estaria na adolescência, fase pela qual eu também alcançaria, tardiamente por causa da minha condição.

Adolecência

O primeiro amor e a primeira desilusão, a rebeldia e a disposição de mudar o mundo são sentimentos próprios de uma etapa da existência marcada por intensa atividade de iniciação, decisiva para a vida posterior do indivíduo. A adolescência normalmente é vivida como um período em que coexistem grandes transformações e crise profunda.

Entende-se como adolescência a fase compreendida entre a infância e a idade adulta, durante a qual se definem os caracteres sexuais secundários e se evidenciam as qualidades específicas do indivíduo. Nas sociedades simples e homogêneas, como as comunidades rurais, o período de preparação do adolescente para a vida adulta é mais curto e menos conflituoso do que nas sociedades complexas. A longa fase de dependência, que na civilização contemporânea se estende por aproximadamente dez anos, entra em choque com o desenvolvimento parcial alcançado pelo adolescente e determina uma etapa crítica e repleta de contradições.

A importância que psicólogos e educadores atribuem à adolescência

é um fenômeno recente. Até o começo do século XX, a etapa de transição era breve e caracterizada principalmente por alterações biológicas. A integração à vida adulta se dava de forma mais imediata, pois os papéis sociais eram menos diversificados e já estavam determinados pela herança familiar. Os estudos antropológicos indicam que nas comunidades primitivas contemporâneas a adolescência é marcada apenas pelo desenvolvimento físico. Uma simples cerimônia de iniciação integra o indivíduo na vida adulta. O progresso científico e tecnológico trouxe maior complexidade à sociedade moderna e a consequente dificuldade de integração do adolescente, além do aumento quantitativo das populações jovens que se verifica em grande parte dos países.

A adolescência se caracteriza do ponto de vista anatômico por fenômenos como o crescimento acelerado (estirão), o desenvolvimento do corpo e a modificação da aparência. O surgimento dos seios na moça, o crescimento da barba e a mudança de voz no rapaz obrigam o adolescente a adquirir uma nova consciência de seu corpo. Do ponto de vista fisiológico, as trocas hormonais próprias do período provocam reações diversas, das quais a mais importante é o aparecimento do desejo sexual.

As transformações físicas pelas quais passa o adolescente têm forte repercussão psíquica, que se revela em comportamentos típicos e transitórios. A consciência recém-adquirida da masculinidade ou feminilidade desperta a necessidade de autoafirmação, que se manifesta, em primeiro lugar, como um anseio de liberdade em relação à família. O núcleo familiar, que durante a infância funcionou como fonte de proteção e segurança, na adolescência se torna opressivo. O ambiente

doméstico se transforma em palco de conflitos que podem dar margem a graves sentimentos de rejeição.

A juventude constitui um fenômeno sociológico de primeira ordem. Pelo fato de ser tida como idade privilegiada da vida, em que se descobre o mundo e se prepara o futuro, atribui-se a ela o máximo interesse. Além disso, as forças implicadas na integração social dos jovens – isto é, as instituições públicas ou as de atividade política e econômica – estão principalmente interessadas em conhecer a realidade desse setor da população e em atraí-lo para seus respectivos grupos de opinião ou partidos políticos. Interessam-se, também, pela problemática inerente à sua capacitação cultural e profissional, bem como por sua incorporação ao mercado de trabalho.

Família. De fato, o primeiro motivo de rebelião que o jovem encontra é a estrutura familiar, sobretudo quando esta mantém padrões rigidamente patriarcais, que impedem o desenvolvimento de forças novas. Assim, desde cedo, especialmente quando ocorrem tensões familiares, o jovem procura deixar clara sua individualidade e sua independência e substituir a família por outros círculos de relação.

A intensidade e rapidez com que se sucedem as mudanças na puberdade afetam não apenas o aspecto físico do jovem, mas também sua maneira de entender o mundo, sua capacidade de raciocínio e análise e suas formas de relacionamento.

Puberdade é o período em que a reprodução se torna possível, tanto para o sexo masculino quanto para o feminino, a partir de grande mudança no equilíbrio hormonal que provoca a maturação dos órgãos sexuais internos e externos. A partir de então, desencadeiam-se transformações que afetam o corpo físico, o psiquismo e o

comportamento social, e que caracterizam a fase de transição da infância para a vida adulta, conhecida como adolescência.

Fatores de natureza genética e ambiental podem determinar a época de eclosão da puberdade, um momento no período mais amplo da adolescência. As condições climáticas parecem ter mais importância que as características raciais, mas, de modo geral, pode-se dizer que há uma tendência a que a puberdade ocorra mais cedo em indivíduos da raça negra e em habitantes de zonas quentes. "Entre os brancos das regiões temperadas, costuma iniciar-se entre os 12 e os 13 anos para o sexo feminino e dos 14 aos 15 para o masculino."

Bem, ele, trabalhando, estudando, participando de grupos de jovens e uniões estudantis e várias associações, estaria batendo de frente com meus pais, pois minha mãe queria controlá-lo totalmente, o que nem sempre era possível. Meu pai sempre fora paciente e relativamente despreocupado, o que muitas vezes gerava discussões acaloradas entre meus pais. Havia de tudo um pouco, o que eu presenciava: brigas, meu irmão apanhando de leve, de vez em quando, discussões, mas tudo bastante normal, sem excessos.

Meu irmão, um dia, foi para um hospital; eu não sabia bem o que era aquilo. Ele estava sendo operado de fimose e teve de ficar na cama por vários dias, e o engraçado é que eu me preocupava e "cuidei" dele naquilo que ele precisou, porque ele sempre ficava na cama e não tinha condição de realizar quase nada durante o seu repouso. Num destes dias, ele até passou muito mal à noite e meu pai teve de procurar alguém de carro para levá-lo ao hospital para que o médico desse algum remédio, mas tudo passou e acabou bem. Nós também brigávamos muito, contudo, também sempre tivemos momentos excelentes e boas

brincadeiras.

O Paulo me pôs um apelido que eu não gostava muito. Chamava-me de "Tuti pipui" e levantava o dedo mindinho; às vezes, brigávamos por isto. Mas tudo bem, tudo passa.

Na esperança de melhoras em minha situação, minha mãe um dia me levou a Belo Horizonte para refazer a avaliação do meu problema, confirmando o diagnóstico de Goiânia, e a vida continua.

Meu pai, novamente com muito sacrifício, comprou um novo aparelho para mim, mas o mesmo é quase idêntico ao anterior. Valeu a intenção!

Meu pai, trabalhando no Batalhão já há anos, conseguiu uma casa destinada a funcionários civis do quartel, em regime de comodato; não pagaria aluguel e ali permaneceria até a sua demissão ou aposentadoria.

Novamente deveríamos enfrentar uma nova mudança. A casa onde moraríamos se localizava na Rua Patos de Minas, bairro Santiago, próximo ao Clube Cometa. Um local, à primeira vista, muito feio. Ruas de terra e distante de tudo, quase desolador, para quem sempre morou bem no centro da cidade. Fomos um dia para lá limpar e terminar de arrumar tudo para a mudança.

Chegou o dia da mudança, e eu não entendia o porquê minha mãe e o Paulo choravam. Eles disseram que o local estaria distante de todo o mundo em que viviam. A mudança foi feita em um caminhão do batalhão, e meu primo levou almoço para todos mais tarde.

Em pouco tempo, todos já estariam acostumados ao novo lugar. Meu irmão, que ainda trabalhava na gráfica e ia de bicicleta, como sempre, e estudava no Colégio Estadual, poderia ir de ônibus. Meu pai já estaria perto do seu local de trabalho, e minha mãe, até mais próxima

dos parentes que moravam quase todos naquelas redondezas. Neste momento, aquele atrito que existia entre ela e minhas tias já havia se dissipado. Ela só não se acostumava com a poeira, que era demais; sempre teria de limpar, uma vez que possuía, como ainda faz, mania de limpeza. Mas, de resto, em pouco tempo o local estaria intensamente povoado, e nossa casa se destacava pela limpeza e enorme quantidade de flores que tínhamos em todo o jardim e quintal.

Em breve, meu irmão estaria totalmente enturmado com novos amigos e arrumaria namorada que, de vez em quando, apareceria em nossa casa.

Diz ele que, por causa de uma paixão destas, mudou de horário e começou a trabalhar o dia todo e estudar à noite. E como, à noite, não tinha ônibus, teve de ir para a escola de bicicleta, pois ela estudava junto com ele de manhã e eles terminaram. E como ele não gostaria de vê-la sempre, pois naquela época ainda sentia algo, mudou para evitar isso.

Já estava ficando crescido e minha família, preocupada com meu desenvolvimento, teve informações de que haveria na Escola Padre Eloi uma turma especial de alunos deficientes. Foram saber informações e, em pouco tempo, eu estava na escola.

Juntamente com a escola, há algum tempo sem fonoaudióloga particular, minha mãe me levava para ter sessões de fono na APAE, mas, como eu já me encontrava crescido e passava por um grande desenvolvimento, já não adiantava quase nada e, além do mais, minha família tinha um pouco de receio de que a convivência com pessoas de várias deficiências, e eu estando em época de "imitar", pudesse absorver alguns dos jeitos, sendo minha passagem por lá relativamente breve.

Na turma havia vários tipos de deficientes. O progresso era lento para que todos pudessem aprender alguma coisa; alguns se revoltavam com sua condição e outros alunos da escola nos discriminavam por sermos diferentes deles. Chegava em casa triste e, falando com minha mãe, ela falou para que eu não deixasse que isto acontecesse. Tive até briga, eu que era e ainda sou um pouco nervoso, e enquanto não briguei feio com alguns, eles não pararam de mexer comigo. Havia também uma professora que batia nos alunos para que eles aprendessem mais rápido, beliscava, puxava as orelhas e dava tapas. Eu falava para minha mãe que não gostava da escola, porém nem sempre sabia expressar realmente o que acontecia, e ela achava que se tratava de outra coisa. Mas foi até que um dia ela teve a confirmação por outros alunos a respeito do que acontecia. Ela ficou então totalmente furiosa e, irada, se encaminhou à escola onde tirou satisfação com esta professora, argumentando que, se continuasse, iria até a polícia – sem antes ameaçá-la de levar uns bons tapas.

Como com o passar do tempo, tudo se ajeitou. Incrível foi a minha felicidade quando tirei o meu primeiro vermelho. Eu não sabia o que aquilo significava, mas achava legal ter o boletim colorido. Por ser totalmente normal, o meu aprendizado foi bem maior do que o de todos daquela turma e, em pouco tempo, eu já estaria frequentando aula na turma normal. Para mim, no início, foi um pouco difícil, mas me acostumei.

Meu irmão, Paulo, havia passado nas provas do concurso da Cemig e foi trabalhar ou estudar em Sete Lagoas por seis meses.

Quando ele voltou, foi trabalhar na Usina e, nas horas vagas, estudava para fazer vestibular. Sempre me ajudava em algumas dúvidas,

mas foi enquanto ele estudava para o vestibular e eu estava estudando verbos e tabuada que me ensinou muita coisa ou ainda me mostrou todo o meu potencial. Ele me colocava na mesa sentado à sua frente e me dava listas enormes de contas e verbos para que eu fizesse, corrigindo rigorosamente, às vezes até brigando comigo, porém foi bom pois, até hoje, tenho um bom aprendizado em matemática.

Em 1994, ele passou no vestibular para Administração e raspou a cabeça, ficando muito engraçado. Eu gostava de ficar batendo em sua careca. Mas, em 1995, é que ele realmente realizou o seu sonho e passou em Engenharia.

Aprendi a andar de bicicleta em uma monareta verde e velha do Paulo. Andava em volta da casa, escorado na parede, até que consegui me equilibrar e andar certinho. O Paulo tinha uma Caloi 10, também velha, e uma mountain bike grande, bastante feia e também velha.

No meu aniversário, meu irmão e meu pai se juntaram e compraram uma bicicleta nova para mim, mas compraram uma barra circular da Monark, que eu achava horrível. Fiquei desolado porque gostaria de uma da atualidade, prateada, mas, por argumentação de todos, acabei ficando satisfeito com a mesma.

O Paulo comprou um Fusca azul e foi bastante engraçado vê-lo aprender a dirigir. Meu pai dava cada briga que ele, apesar de adulto, quase chorava. E foi vendo-o aprender que eu também aprendi. Mas o Paulo sempre foi muito enjoado com suas coisas e não deixava ninguém usar ou guiar, só meu pai quando ele precisava. Um dia ele saiu com a namorada e arranharam todo o capô do fusquinha azul; ele ficou muito bravo e revoltado. Alguns meses depois ele trocou em um Escort e sempre me dava para lavá-lo; em troca, me pagava ou dava um

dinheiro, de vez em quando me levava para comer um sanduíche ou sair à noite até às dez horas, após a qual ele saía sozinho ou com a namorada. Meu pai também, em pouco tempo, compraria uma Brasília velha e eu e minha mãe aprendemos melhor, e ela até saía sozinha pela cidade.

De vez em quando minha mãe pedia ou precisava comprar alguma coisa e eu ia à "venda" comprar, mas era difícil, pois havia cachorros por todos os caminhos e eu ainda não havia superado o meu trauma com a experiência indesejada juntamente com o Paulo. Mas aos poucos e com o tempo, acabei com isso.

Terrível, aconteceu uma vez que fui comprar pão em um armazém a uns seis quarteirões e um camburão da polícia me abordou, achando que eu fosse algum bandido, uma vez que aquele lugar estava infestado de pessoas, até crianças, já usuárias de drogas e autoras de pequenos furtos. Pararam-me, revistaram-me e pediram para cheirar minha boca, apesar de que eu argumentasse ser deficiente auditivo. Somente após não encontrarem nada é que me liberaram. Cheguei em casa e contei isto, o que provocou revolta em todos, porém já não havia nada a se fazer. Por um bom tempo não quis sair sozinho de casa.

Eu ia nesta época de ônibus para a escola, ônibus do batalhão, contudo sempre tinha problema com as crianças e até com o motorista do ônibus. Na vida minha mãe cansou de brigar por minha causa, seja por preconceito, destrato e abusos.

Meu pai estava melhorando a sua situação financeira, podendo até juntar um dinheirinho, e o Paulo trabalhando também, de forma que nossa vida melhorava consideravelmente.

Nas férias, o Paulo ia para Caldas Novas e, de vez em quando, ele

me levava. Ele corria bastante. Era uma festa, um dia todo, viajando, apreciando aquelas águas quentes, comendo várias coisas diferentes e vendo pessoas. A cidade é até bem bonitinha. Lá, ele bebia algumas cervejas e eu contava para minha mãe, que não gostava nem um pouco e brigava com ele. Ele, então, brigava comigo, me chamando de "dedo-duro", mas, com o tempo, tudo se ajeitava.

Em nossa casa, minha mãe sempre realizava festas juninas, com reza de terço e bastante quitandas para um café, que todos sempre adoraram.

Não sei se por inveja ou o quê, tínhamos uma vizinha que passou a não gostar de nós e de seus filhos, Fábio e Fabiana. Ela, então, pôs língua para mim e implicava comigo, fazendo gestos. Por ser uma vila do Exército, não havia muros de separação entre as casas, o que me fazia sentir sem liberdade. Minha mãe, quando percebeu o que ocorria, com seu jeito, causou uma grande confusão. Ela e a vizinha, como em quase todas as casas onde moramos, ficaram praticamente como inimigas. Como minha mãe sempre foi reservada, ficava em casa, enquanto a vizinha fazia uso de toda a calúnia e difamação, também afastando a todos de nós, tecendo uma teia de intrigas. Quando tudo veio à tona, foi uma tremenda confusão.

Meu pai, trabalhando em São Paulo há bastante tempo, já possuía reservas suficientes para iniciar a construção de nossa casa, para que pudéssemos, finalmente, ficar livres daquele ninho de cobras.

Eu ficava só em casa, não saía e nem tinha amigos.

A construção da casa se deu de forma bastante rápida. Em três meses, já estava pronta. Meu pai já havia se aposentado e, de qualquer forma, necessitaríamos desocupar a casa. Ele foi terminando a

construção e o batalhão enviou uma carta padrão para tal finalidade. Minha família imediatamente fez a mudança. Foi até engraçado: um dia, o Paulo chegou da universidade e a casa já estava vazia, nem se imaginando mudar tão rapidamente! Foi a maior bagunça na nova casa. Dizem que a vizinha "boca-suja" ficou se lamentando depois por nossa mudança, falando que "éramos excelentes pessoas", como se nada tivesse feito contra nós!

A nova casa era belíssima. Tinha dois quartos, sala, cozinha e uma imensa área. A garagem foi construída depois.

O Paulo já havia trocado o carro por um Gol prateado muito bonito. Na bagunça, até a namorada dele veio para ajudar a arrumar a casa.

No meu aniversário de 16 anos, foi feita uma festinha juntamente com a reza do terço de São João. O Paulo havia comprado uma bicicleta e guardado na casa de uma prima para fazer surpresa. À noite, na hora de cantar parabéns, ele pediu à Teresinha, sua namorada, para me entregar um embrulho que ele havia feito. Desfiz o mesmo e só havia papel e mais papel, uma caixa e mais embrulho. Todos estavam ansiosos, até que, após desfazer todos os embrulhos, finalmente pude achar o presente: uma cueca furada com beijos de batom e escrito "Tuti-pipiu". Todos caíram na risada e eu, fulo da vida, procurei-o para brigar com ele, e não é que todos da festa se abriram e ele chegou com a minha bicicleta nova, cor vinho, muito bonita? Foi realmente uma festa...

Acabei o primário e precisava mudar de escola. Minha mãe procurou uma nova escola, pois não havia 5ª série no Padre Eloi. Telefonou para algumas e ainda havia vagas. Foi então à Escola Padre Damião, que

ficava mais próxima, porém, ao chegar lá e expor que eu era deficiente auditivo, a atendente disse que as vagas haviam acabado. Minha mãe ficou totalmente nervosa e brigou duramente com todos da escola, de boca, por achar que se tratava de uma grande discriminação.

Continuou a busca, encontrando na Escola Estadual Machado de Assis, onde tive uma convivência tranquila. Lá quase não houve problemas, a não ser uma vez em que um menino, não sei se com intenção de me roubar a bicicleta, mudou-a de lugar.

Continuava estudando e, infelizmente, a escola foi fechada por determinação do governo estadual, e fui transferido para a Escola Visconde de Ouro Preto, onde enfrentei diversas dificuldades. Além dos alunos de lá terem um jeito meio esquisito, quase de bandidos, meu pai e eu havíamos colocado na minha bicicleta alguns itens do novo código de trânsito, o que causou grandes problemas, pois eles na escola não me deixavam em paz e eu já estava perdendo a paciência. Porém, nada podia fazer, pois eram muitos e eu estava só, pois ainda não tinha conseguido arrumar amizade. Mais uma vez, minha mãe entrou no assunto e fez a maior bagunça, brigando com as pessoas da escola – alunos, professores – e me retirando de lá. Disse até que eu não estudaria mais. Aí, conseguiu-se uma vaga na Escola Raul Soares, situada bem no centro da cidade. No início, também foi muito difícil; mexiam em minha bicicleta, procuravam encrenca comigo. Um dia, saí da escola, próximo à Caixa Econômica, e a bicicleta quebrou o garfo, caindo no asfalto e machucando o lábio. Uma senhora que passava viu e me socorreu. Dei a ela o telefone de minha casa para avisar alguém e expliquei que era deficiente auditivo. Minha mãe ficou apavorada e meu irmão também. O tratamento foi quase o mesmo, e ela pensou

realmente em me tirar definitivamente da escola, mas, por insistência por parte do meu irmão, ele mesmo acabou indo à escola falar com a inspetora sobre mim, e, com o tempo, para variar, tudo foi se ajeitando. Fui conseguindo amizade e respeito, mostrando que também sou capaz e igual a qualquer um.

Sempre tive pequenos "rolinhos" e namoradinhas, mas o relacionamento entre pessoas é muito difícil.

Associação de Surdos

Comecei a participar da Sociedade dos Surdos de Araguari. Lá, encontrei gente que me entende e vive os mesmos problemas que eu, e tem a mesma visão de mundo. Acho que, de certa forma, me afastei ainda mais de todos, pois só quero ficar com eles. Aprendi algumas coisas lá. Jogamos futebol no sábado e truco no domingo; as relações são mais verdadeiras e sinceras. Minha família nem sempre gosta deste meu distanciamento de tudo e de todos, mas assim é melhor. Aprendi também a me comunicar por sinais, coisa que sempre odiei que as pessoas fizessem comigo.

Esta é minha vida. Não espero compaixão de ninguém. Quero apenas buscar meu espaço em igualdade de direitos e deveres, pois não sou anormal apenas porque não ouço. Sou perfeitamente capaz de me comunicar. Tenho uma capacidade fantástica, segundo o meu irmão, para o conhecimento. Deus me fez assim e me entregou ao meu para vencer o desafio de viver. Não prejudico a ninguém e a única coisa que posso esperar é que as pessoas sigam o seu caminho e não me atrasem com seus preconceitos e egoísmos...

SOBRE O AUTOR

Cláudio Homero é natural de Araguari (MG). Engenheiro Químico formado pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), atualmente reside em Belo Horizonte (MG), onde é analista de estratégia em uma grande empresa mineira. Escritor por hobby, conheceu de perto a história de vários surdos, suas alegrias e seus dramas.

Contato: claudiohomero@yahoo.com.br

Sinopse

Perseu nasceu em um mundo de silêncio. Surdo de nascença, enfrentou preconceitos, limitações e dores, mas também descobriu sua força na fé, na família e no desejo de conquistar seu espaço. Nesta biografia, ele, ainda criança, compartilha um pouco da lembrança de sua jornada de superação e mostra que o silêncio não é ausência — é outra forma de ouvir a vida.